

Artigos

Televisão, violência e turismo

Mimese versus catarse: a questão da violência na TV

Magno L. Medeiros da Silva*

Resumo

O autor faz um balanço das tendências da pesquisa sobre a violência veiculada pelos *mass media*. Condições culturais e sociais são temas discutidos neste artigo com o objetivo de propor um novo paradigma da violência televisiva.

Palavras-chave: violência na TV; pesquisa sobre os meios de comunicação de massa; receptores; influência psicológica; imaginário social.

1 Introdução

Pretendo, neste artigo, rediscutir a questão violência-televisão. Tema recorrente e amplamente discutido, porém não (nunca) suficientemente explorado. Ao contrário, a contundência

* Jornalista, doutor pela USP, é professor, coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Informação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás e editor deste periódico. E-mail: magno@lri.facomb.ufg.br

e a constância com que as imagens de violência eletrônica têm chegado às residências brasileiras justificam a atualidade e a relevância do assunto e a necessidade de se estudá-lo de forma aprofundada.

De fato, o tema em tela oferece-nos milhares de portas e janelas. Opto, aqui, por enfocá-lo a partir da oposição conceitual entre mimese e catarse. De uma maneira geral, os estudos sobre a influência da violência televisiva sobre os receptores tendem a aglutinar teoricamente seus pesquisadores em duas grandes águas: 1) por um lado, há os que crêem no efeito negativo provocado pelo excesso de violência na TV (mimese); 2) por outro lado, há aqueles que acreditam que tais imagens não representam perigo real, pois contribuem para arrefecer tensões e pulsões agressivas (catarse).

Segundo Evelina Tarroni,¹ a fórmula para a teoria da mimese é a seguinte: “indivíduo frustrado + filme violento = comportamento agressivo”. Já a teoria da catarse é assim formulada: “indivíduo frustrado + filme violento = diminuição da agressividade”.

Evidentemente, existem variadas e intrincadas nuances teóricas no interior e no intermédio destas duas tendências. E é justamente esta diversidade de pontos de vista que abordaremos a seguir.

2 Violência, mimese e impacto negativo da TV

A história das idéias aponta Platão como um dos principais precursores da teoria da mimese. O filósofo acreditava que as narrativas de violência representavam uma ameaça na medida em que poderiam estimular o indivíduo a condutas negativas/ímorais. O princípio norteador desta convicção baseia-se na idéia da imitação, ou seja, os indivíduos são induzidos a imitar aquilo que vêem e ouvem.

Trata-se, neste caso, de algo que se aproximaria do chamado “efeito Werther” (efeito imitação). Explicando: após a publicação do livro *O jovem Werther*, houve uma certa onda de suicídios na Alemanha. Segundo alguns pesquisadores, isso foi deflagrado devido à leitura do livro de Goethe, que contava a história de um jovem que se suicidava. O suicídio de Werther teria, assim, desinibido tendências suicidas de jovens da época.²

No contexto da sociedade de massa (século XX), a discussão sobre os efeitos dos meios de comunicação tem sua origem a partir dos anos 30, quando começaram estudos norte-americanos na área (*mass communication research*). Nesta década, os pesquisadores da teoria hipodérmica³ acreditavam que os *mass media* exerciam um efeito direto e uniforme (“efeito líquido”) junto ao público. Apoiados teoricamente na fórmula behaviorista “estímulo-resposta” ($E > R$), esses teóricos concebiam o processo de recepção como homogêneo e linear.

Tal teoria logo caiu em descrédito devido ao simplismo com que explicava o processo comunicativo. Vale lembrar, entretanto, que ainda nos tempos atuais, muitos teóricos insistem em enxergar os receptores como indivíduos desprovidos de resistências, altamente passivos, como se fossem “tábua rasa” ou “mata-borrão”, absorvendo ingenuamente os conteúdos dos *mass media*. Se assim fosse, todos os indivíduos que assistissem aos programas, seriados, noticiários e desenhos repletos de violência seriam fatalmente “contaminados” pela TV. Haveria, pois, uma “intoxicação subliminar” provocada pela “televisão-delinquência”.⁴ Neste sentido, a consequência inevitável seria o incitamento à agressividade e à violência.

Mas essa “intoxicação subliminar televisiva” não ocorre assim tão facilmente, de forma líquida, mecânica e linear. Existe uma série de fatores e de mediações que interfere no processo de recepção, contribuindo, assim, para reelaborar, reinterpretar, resistir, negligenciar ou mesmo negar esses conteúdos veiculados pela TV. Por isso, diz-se que os hipodérmicos representam uma posição superficial no espectro teórico da mimese.

Entretanto, outros argumentos surgiram reforçando a idéia segundo a qual os *mass media* induziriam ao crime. Entre os criminologistas, Olof Kinberg e Jean Pinatel⁵, por exemplo, acreditavam que a imprensa sensacionalista acabava construindo um terreno propício ao crime ao reportar fatos criminais com certa “admiração” e também ao glorificar certos bandidos de feitos “heróicos” ou de elevado status social.

Nesta ótica, a imprensa poderia até ser responsabilizada pela informação criminógena.⁶ O excesso e a hipervalorização de informações sobre crimes poderiam desencadear o “fator

criminógeno”, isto é, um tipo de influência capaz de levar os receptores ao comportamento destrutivo. Ressalte-se, porém, que a influência criminógena não é uma reedição pura e simples (imitação) de certos crimes divulgados pela imprensa, mas uma indução à conduta anti-social. De uma maneira geral, a maioria dos criminologistas crê numa influência negativa da televisão-sangue.

Vários pesquisadores defendem esta mesma posição. Bryan Wilson,⁷ por exemplo, afirma que os meios de comunicação de massa têm o poder de estimular o crime e os valores anti-éticos da sociedade.

Outro pesquisador importante, Albert Bandura, advoga a tese de que a televiolência e a cineviolência não só desinibem comportamentos agressivos como também acabam construindo tendências anti-sociais. Formulador da teoria da aprendizagem social, ele argumenta que a televisão, ao bombardear os seus receptores com imagens destrutivas, pode até induzi-los a um aprendizado mimético da violência.

Apoiado teoricamente em Bandura, Pfromm Neto⁸ reafirma a teoria da aprendizagem social como um dos fatores responsáveis na relação televisão e comportamento agressivo. E acrescenta outros dois fatores condicionadores: o despertar emocional e a desinibição da agressão. Segundo o professor e psicólogo, a exposição à violência debilitaria os mecanismos individuais de controle emocional e, conseqüentemente, acabaria viabilizando certos comportamentos agressivos.

Em balanço de pesquisas feitas recentemente sobre a violência nos meios de comunicação de massa, José Martínez de Toda y Terrero, Jesús Maria Aguirre e Rafael Calduch Cervera⁹ citam vários pesquisadores que criticam os efeitos negativos da TV: Vappu Viemero (Finlândia); Raquel Soiler (Venezuela); Werner Ackermann, Renaud Dulong e Henri-Pierre Jeu (França) etc. Entre as entidades profissionais, figura a Organização Internacional de Jornalistas (Tchecoslováquia),¹⁰ que concluiu que as crianças, de fato, imitam a violência na TV; tendem a recorrer à violência para resolver seus problemas pessoais; e tendem, ainda, a uma maior aceitação da violência.

Vappu Viemero¹¹ afirma que a exposição intensa a cenas de violência torna as crianças, a longo prazo, mais agressivas. Essa

agressividade, porém, é maior entre as crianças naturalmente agressivas. Outra variável importante: o nível sócio-econômico nada tem a ver com o comportamento violento. O pesquisador ressalta que, entre os adolescentes, a situação é diferente: depende, a longo prazo, de grau de identificação que estes têm com certos personagens.

Segundo a psicanalista Raquel Soiler,¹² os teledependentes, sobretudo as crianças, podem estar sofrendo de “televisiosis”, uma espécie de patologia da contemporaneidade. O principal distúrbio deste mal seria uma síndrome de neurose, cujos sintomas são a mania de perseguição, a fobia e a desordem mental.

Pesquisa realizada na França por Werner Ackermann, Renaud Dulong e Henri-Pierre Jeu¹³ alcançou os seguintes resultados: a exposição intensa à televiolência pode provocar uma perda de diretrizes éticas e a promoção de uma insegurança generalizada. Essa enxurrada de imagens de violência acabaria deflagrando uma certa espiral de violência na sociedade. Diante de tal situação de insegurança, os indivíduos optam por estar armados (física e psicologicamente), numa postura obsessiva de autodefesa.

Entre vários outros estudos sobre o tema, destaque-se, ainda, uma pesquisa realizada em Londres por William Belson¹⁴ junto a mais de 1500 crianças entre 13 e 16 anos de idade. O pesquisador constatou que 12,5% dos informantes admitiram ter cometido, num período não superior a seis meses, de dez a cem delitos semelhantes aos que haviam visto na televisão. Essas crianças eram todas teledependentes.

3 Violência, catarse e impacto seletivo da TV

Aristóteles é o pioneiro da teoria da catarse. O filósofo acreditava que as narrativas e as imagens de horror e de violência resultavam prospectivas, na medida em que serviam como “escape” à agressividade natural do ser humano. Com efeito, acreditava-se que a teatralização das tragédias gregas teria um efeito de purgação, de purificação, benéficas ao espírito humano.

A teoria da catarse ganha substancial reforço teórico a partir de Freud, para quem as imagens espetaculares de violência ocupam

um lugar de satisfação imaginária das frustrações reais. Através dessa espetacularização, aliviam-se as pulsões anti-sociais e agressivas e arrefece-se a carga pulsional do indivíduo. Resulta-se, assim, que tais imagens acabariam, segundo Freud, exercendo uma função catártica, potencialmente terapêutica.

Inserido epistemologicamente no paradigma freudiano, Georges Auclair¹⁵ afirma que as crônicas de *fait divers*¹⁶ serviriam para satisfazer substitutivamente as necessidades e desejos dos indivíduos (receptores dos *mass media*). Esta “satisfação simbólica das frustrações” conferiria ao sujeito o poder imaginário de experiência intensa ou de liberdade total, liberdade para transgredir normas e valores sócio-culturais.

O princípio freudiano de catarse baseia-se, portanto, na idéia de evasão (“válvula de escape”) das tensões e pulsões, facilitadas ou viabilizadas através de imagens e narrativas simbólicas. Tal imaginário propiciaria uma satisfação (ilusória) capaz de derrotar (provisoriamente) a eterna condição humana de impotência e de frustração.

Diz Pascal: “A única coisa que nos consola de nossas misérias é a diversão, e sem dúvida é a maior de nossas misérias. Pois é o que principalmente nos impede que pensemos em nós mesmos”.¹⁷ Embora o filósofo não tenha se referido à televisão, obviamente, o fato é que o entretenimento e a diversão, via imagens de miséria e violência televisadas, também teriam um efeito essencialmente catártico.

A partir dos anos 50, sobretudo, várias pesquisas foram feitas nos Estados Unidos e na Europa acerca do impacto sócio-psicológico que teriam a televiolência e a cineviolência. Após a derrocada da teoria hipodérmica, autores funcionalistas como Paul Lazarsfeld, Robert Merton e Bernard Berelson, por exemplo, trataram de redimensionar a questão dos efeitos dos *mass media*. Passaram, então, a minimizar o poder dos meios de comunicação, já que outros fatores intermediários (grupos secundários, variáveis sociológicas etc.) também (e principalmente) iriam interferir no processo comunicativo. A propósito, Lazarsfeld¹⁸ viu nos chamados “líderes de opinião” mais um fator interveniente entre a esfera da emissão e a da recepção. Já Berelson¹⁹ criou o conceito de “efeito de

bumerangue” para explicitar a maneira através do qual um determinado objetivo veiculado nos *mass media* pode acabar neutralizando-se ou revertendo-se contra o emissor da mensagem, dependendo das pré-disposições do receptor.

Com exagero, Joseph Klapper²⁰ entendeu ser o poder dos *mass media* altamente limitados, não chegando a exercer efeito significativo sobre os os receptores. Sobre a questão da violência, Klapper afirma não ser as imagens violentas a “causa primária” do comportamento delituoso, isentando, portanto, os meios de comunicação de qualquer responsabilidade social.

Segundo Wilbur Schramm,²¹ não apenas os adultos como também as crianças possuem a capacidade de selecionar o conteúdo da televisão conforme interesses e necessidades específicas. Neste sentido, teriam discernimento adequado para “filtrar” o bombardeio televisivo. Mais que isto: a TV só estimularia a agressividade em crianças naturalmente agressivas; as demais não seriam atingidas pela violência eletrônica.

A despeito das acusações de a TV, os filmes e os gibis estimularem a delinqüência infanto-juvenil, Harold Mendelsohn afirma que isto representaria uma vã tentativa de encontrar uma “explicação” fácil e simplista para comportamentos tão complexos como assassinato, roubo, assalto, estupro etc. “Em nossa impotência para aplicar e, portanto, controlar estes desvios, tratamos de encontrar ‘causas’ individuais do mais fácil sentido comum para assim limar as asperezas mais agudas de nossa frustração”.²²

Segundo James Halloran,²³ os *mass media* seriam, com efeito, apenas um “bode expiatório” no contexto da delinqüência e da criminalidade crescentes. O autor entende serem contraditórias as “provas” então apresentadas contra a TV, imputando-lhe culpa pela violência existente na sociedade. Para ele, os receptores sempre agem seletivamente diante dos meios de comunicação de massa, razão pela qual se encontram razoavelmente imunes à suposta “intoxicação” midiática.

Para uma análise aprofundada da relação meios-efeitos (televisão-violência), Halloran diz ser de fundamental importância que se considerem certas variáveis: percepção subjetiva dos receptores; seleção e memorização de mensagens;

comunidade em que vive; entidades e movimentos sociais dos quais participa; influência exercida por determinados líderes de opinião; formação psicológica; educação familiar e institucional; classe social; intensidade de exposição aos meios; natureza dos veículos e dos produtos culturais consumidos. Tudo isso leva a crer, segundo o autor, que a TV é apenas uma entre várias e diversas influências recebidas pelo indivíduo-consumidor. Nesta linha de raciocínio, como poderia a TV ser colocada no banco dos réus se a “culpa” é coletiva?

De acordo com Erausquin, os pesquisadores funcionalistas contemporâneos têm considerado os conteúdos dos *mass media* como se fossem uma espécie de *spray*: “a maior parte dos mesmos não alcança seu alvo; muito poucos conseguem penetrar e o resto simplesmente se evapora no ar”.²⁴

A despeito das acusações dirigidas contra a TV, Henri-Pierre Jeudy²⁵ declara que esta não é tão negativa como se apregoa. O autor entende que o mecanismo prevalecente no processo de recepção é justamente o da catarse. Assim, as imagens de violência da TV acabariam neutralizando as tendências agressivas do sujeito. Por que isso ocorre? Segundo Jeudy, isso ocorre porque tais tendências são transformadas, no bojo da linguagem televisiva, em expressão vicária.

Fazendo um balanço sobre as pesquisas norte-americanas realizadas desde a década de 50, R. Kaplan e R.D. Singer²⁶ afirmam não haver provas plausíveis ou conclusivas que validem a hipótese de que a violência televisiva realmente incitaria o comportamento agressivo dos receptores.²⁷

Autor contemporâneo, o alemão Dieter Prokop²⁸ aborda a questão da violência analisando a linguagem construída para o consumo cinetelevisivo. Segundo observa, as imagens de violência são, fundamentalmente, sígnicas. Entendendo-se por signo uma estrutura lingüística vazia, isenta de materialidade afetiva e desinvestida de humanidade. O sociólogo exemplifica: a série “Holocausto”, veiculada pela televisão, mostra cenas “brandas”, “leves”, para retratar fatos que na realidade foram absolutamente cruéis. Assim, os telespectadores assistem ao filme tranqüilamente, quase insensíveis diante das imagens de

brutalidade nazista. O que ocorre é que os signos construídos para a série neutralizam a sensibilidade dos receptores, em virtude de sua natureza “deslocada”, “distanciada” do real, “purgada” de seu mal original.

Outro exemplo: a guerra do Golfo Pérsico, na realidade altamente destrutiva e sangrenta, foi transmitida pela TV de forma “leve”, depurada de violência e destituída de qualquer culpabilidade. De fato, no *écran* televisivo aquela chuva de mísseis mais parecia um *game*: luminoso, fascinante, belo, atrativo.

Segundo o pesquisador Ciro Marcondes Filho, “o signo, portanto, é uma representação neutralizada de ações (elas seriam terríveis de outra maneira) e um encaixe perfeito para a necessidade humana de distanciar-se dessas ações”.²⁹ Em outra obra, escreve-se:

No caso da violência signica no cinema, são metralhadoras crispando, caminhões-tanques se incendiando, pessoas sendo atiradas a grande distância, convulsão geral. Não obstante, as cenas carregadas de conteúdo violento são digeridas facilmente pelo público. Em lugar de chocar-se, preocupar-se, sentir no fundo esse choque, o público curte tranquilamente essa intensidade de impacto”.³⁰

Nas imagens televisivas de destruição e de agressividade o que ocorre, portanto, é isso: a violência é, fundamentalmente, signica, depurada de negatividade e culpa, e o receptor encontra-se tranqüilo, justamente porque se encontra distanciado daquela “realidade”, imune ao “contágio” televisivo pelo imaginário com o qual se protege. Sendo assim, vê a morte como quem vê a vida. Portanto, não há como falar de influência negativa e direta da TV, pois a violência nela apresentada é essencialmente vazia.

Segundo Edgar Morin, o consumo intenso de violência imaginária não tem, por si só, o poder de deflagrar comportamentos agressivos. Segundo o autor, a partir dos anos 60, há um certo aumento na intensidade e na qualidade de violência consumida. Entretanto – ressalva –, isto não chegaria a desencadear “uma violência real, como se esta violência tivesse um efeito de catarse para as pulsões agressivas cada vez mais reprimidas pela vida policiada, organizada, burocratizada”.³¹

Como os temas venturosos e homicidas (típicos dos filmes de ação e violência) não podem realizar-se na vida cotidiana, eles tendem – declara Morin – a se distribuir projetivamente. A hipótese da projeção é trabalhada pelo sociólogo para explicar o mecanismo inconsciente através do qual os indivíduos-consumidores se servem das imagens de violência para purgar as suas pulsões destrutivas e para liberar, imaginariamente, os desejos reprimidos.

Sobretudo, o desejo antropológico de libertar-se da Lei:

Nossas vidas cotidianas são submetidas à lei. Nossos instintos são reprimidos. Nossos desejos são censurados. Nossos medos são camuflados, adormecidos. Mas a vida dos filmes, dos romances, do sensacionalismo é aquela em que a lei é enfrentada, dominada ou ignorada, em que o desejo logo se torna amor vitorioso, em que os instintos se tornam violências, golpes, homicídios, em que medos se tornam suspenses, angústias. É a vida que conhece a liberdade, não a liberdade política, mas a liberdade antropológica, na qual o homem não está mais à mercê da norma social: a lei.³²

Observa-se, pelo exposto, que essa liberdade, imaginariamente alcançada, só se realizaria no plano da projeção. E esta projeção é viabilizada, sobretudo, pela TV, cuja tela repleta de violência se apresentaria como contraponto catártico à vida cotidiana. “Bofetadas, golpes, tumultos, batalhas, guerras, explosões, incêndios, erupções, enchentes assaltam sem cessar os homens pacíficos de nossas cidades, como se o excesso de violência compensasse a insuficiência de violência vivida”.³³

Mas por que a violência imaginária seduz? As respostas são variadas e controversas. Além do jogo lúdico propiciado pelos mecanismos da projeção, Morin afirma que a violência imaginária fascina devido à necessidade (inconsciente) que temos de “viver” e de “conhecer” a morte, eufemizando-a e negando-a, continuamente. “É isso que nos revelam claramente os jogos guerreiros das crianças: estes se contentam não só em matar ficticiamente, mas também em morrer ficticiamente”.³⁴

No caso dos *mass media*, o jogo catártico se estabeleceria da seguinte maneira: aos invés de “os outros morrerem em meu

lugar” (sacrifício), o que ocorre no plano do imaginário televisivo é que “são os outros que morrem, e não eu”.³⁵ Portanto, neste sentido a morte é catártica justamente porque ocorre sempre na esfera do “outro”, dimensão que propicia a cômoda posição do distanciamento e do alheamento.

Contudo, ao mesmo tempo em que Morin admite a hipótese da projeção (e a teoria da catarse), ele reconhece também a presença de um vetor oposto: a identificação. Isto significa que frequentemente os *mass media* oferecem aos seus receptores determinados personagens fictícios (mitológicos/olimpianos³⁶) que podem catalisar modelos inimitáveis ou imitáveis, propiciando, assim, possível projeção ou identificação.

Escreve Morin:

Os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Concentram nessa dupla natureza um complexo virulento de projeção-identificação. Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. A esse título os olímpianos são os condensadores energéticos da cultura de massa.³⁷

Um certo modelo imaginário pode, portanto, oscilar entre a projeção e a identificação, dependendo das qualidades, habilidades ou debilidades do personagem, como também das peculiaridades psicológicas e culturais do sujeito-receptor.

4 Cultura da violência e pedagogia do medo

A questão da violência midiática não pode restringir-se meramente à polêmica dualidade mimese *versus* catarse. O tema proposto requer um novo estatuto conceitual, quiçá um novo paradigma,³⁸ já que a violência contemporânea também sofreu transformações substanciais, assim como a cultura e os meios de comunicação de massa.

A violência, hoje, deve ser investigada sobretudo a partir da atual cultura comunicacional. Vivemos, hoje, uma cultura que espetaculariza, banaliza e naturaliza a violência. E as formas de interação social sinalizam para uma pedagogia do medo. Ou

seja: tal cultura acaba viabilizando a formação de indivíduos insensíveis, indiferentes e amedrontados. Opera-se, assim, um desinvestimento na idéia do outro como parceiro, como sujeito. O outro é um corpo estranho, um elemento, simplesmente um “outro”.

Segundo Erich Fromm,³⁹ seria equivocado afirmar ser o homem violento por natureza. Ora, a violência é uma construção cultural e não natural. O psicólogo social responsabiliza a moderna sociedade industrial e suas mazelas pela onda de violência reinante. Entre tais mazelas, cita o isolamento, a solidão, as tecnologias destrutivas e a deterioração de tradições cooperativistas. Assim, é a própria cultura que vai corroendo, gradualmente, certos valores de solidariedade humana.

Contra a tese de que “o homem seria o lobo do próprio homem”,⁴⁰ Hanna Arendt prega: “nem a violência, ou o poder, são fenômenos naturais, isto é, manifestações de um processo vital; pertencem eles ao setor político das atividades humanas”.⁴¹ Entre outros fatores condicionantes da violência, a autora cita itens como a burocracia (violência situada no domínio de Ninguém); a forte frustração de agir na sociedade atual; a impotência coletiva; a decadência dos serviços de responsabilidade do Estado; a negligência pública etc. Portanto, a violência não encontra raízes num susposto “instinto de violência”, mas nas próprias condições sociais, políticas, econômicas e culturais.

George Gerbner⁴² prega um tal “efeito cultivação”, segundo a qual as pessoas são formadas a partir do bombardeio informativo detonado pelos meios de comunicação. Trata-se de um efeito somatório, isto é, uma exposição excessiva à violência midiática poderia desenvolver um certo medo e um espécie de complexo de vítima. A consequência inevitável seria a construção (cultivação) de um clima de medo e de insegurança generalizados, razão pela qual muitos indivíduos acabariam defendendo políticas duras de repressão e de opressão.

No caso específico do Brasil, não mais se sustenta a ideologia de “paraíso tropical”, de “berço esplêndido”, ou de “povo cordial”. Fatos diários de violência têm desmentido a aparência de povo pacífico. “O país do favor e do jeitinho cede lugar a uma explicitação de conflitos bastante agudos que se expressam numa

retórica de violência e agressividade que se querem explícitas”.⁴³

A propósito, a cultura *hip-hop*⁴⁴ é uma clara demonstração de como a violência tem “participado” da vida de jovens das periferias dos grandes centros urbanos. Vitimas da exclusão social, estes jovens não descartam o uso da violência como prática cotidiana, principalmente “violência banal”.⁴⁵ O grupo de *rap* Racionais MCs, por exemplo, manifesta de forma explícita a sua revolta: “Malicioso e realista, sou eu, mano Brown, me dê quatro motivos para não ser” (trecho do *rap* “Fim de semana no parque”).

Assim, banalizada e estetizada, a violência urbana passa a ser “companheira” da juventude atual. Camisas com inscrições do tipo “sou *bad boy*” são usadas com um certo *glamour*. Como se a violência tivesse se tornado, mais que uma prática, uma alegoria social. Segundo Herschmann,

numa sociedade ainda muito marcada pelo autoritarismo e pela exclusão social, o discurso e o comportamento funk/rap, em certo sentido, são a resposta de um segmento social que já não acredita mais na conciliação, na concretização da harmonia social. Ao contrário, esses grupos tentam também imprimir, em certo sentido, à cultura hip-hop um tom segregador.⁴⁶

Neste contexto, a TV tem contribuído para fomentar o medo e a insegurança entre a população. O pior, entretanto, é o gradual processo de insensibilização decorrente da banalização da violência. Como diz Lasch, os *mass media* facilitam “a aceitação do inaceitável”. E mais: “Amortece o impacto emocional dos acontecimentos, neutraliza a crítica e os comentários e reduz mesmo a ‘morte do afeto’ a mais um *slogan* ou clichê...”⁴⁷

Entretanto, na pós-modernidade deixa de haver uma manipulação direta, repressora, posto que os poderes instituídos da violência totalitária são cada vez mais sutis e “sedutores”. E os *mass media* são co-participantes nesse processo de violência totalitária, na medida em que passaram a ser o principal foco de irradiação do *ethos* tecnorracionalista (modo de ser nesta cultura da violência). Então, podemos dizer que tal violência permeia, de forma invisível, as imagens da televisão.

A violência na TV, apesar de garantir a audiência e conseguir prender o telespectador, de uma forma geral não consegue despertar a ação do sujeito-consumidor; não consegue mobilizar a sua indignação; nem a sua imaginação mais criativa e simbólica.

O olho que vê as imagens televisivas parece estar atraído, mas não plenamente seduzido. O espetáculo, normalmente, não é dos mais interessantes, embora o telespectador sempre aguarde a próxima cena ou o próximo capítulo.

Essa cultura da velocidade, da volaticidade, da dispersão, da superficialidade, do excesso, marca, portanto, não só uma nova era, como também uma nova forma de “agressão”: a invisível pedagogia da violência.

Assim, a violência está ganhando cada vez mais ares de normalidade e naturalidade, além de estar alcançando uma crescente aceitabilidade social. Sua inevitabilidade tem gerado atitudes do tipo: “deixa rolar”, “não tem jeito mesmo”, “supernormal”; “deixa assim para ver como é que fica”. Jesús Maria Aguirre⁴⁸ teme que a saturação por programas violentos provoque uma perda de sensibilidade, tornando as pessoas brutalizadas, a longo prazo.

Baudrillard fala em “implosão do sentido nos *media*”. Segundo ele, “estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido.”⁴⁹ E essa perda de sentido está relacionada à ação dissolvente e dissuasiva da informação dos *mass media*. Neste sentido, afirma Baudrillard, a informação devora os seus próprios conteúdos, a própria comunicação social. E isto acontece por dois motivos: 1) em vez de fazer comunicar, esgota-se na encenação da comunicação; 2) Em vez de produzir sentido, esgota-se na encenação do sentido.⁵⁰

A propósito do processo de encenações e simulações nos meios de comunicação de massa, escreve Baudrillard:

Por detrás dessa encenação exacerbada da comunicação, os *mass media*, a informação em *forcing* prosseguem uma desestruturação do real. (...) Assim, os *mass media* são produtores não da socialização mas do seu contrário, da implosão do social nas massas.”⁵¹

Muitos teóricos da comunicação consideram as colocações de Baudrillard demasiadamente apocalípticas, embora reconheçam a pertinência e a acuidade de suas idéias. Para Baudrillard, o iconoclasmo pós-moderno (embora ele não use o termo “pós-moderno”) não é mais o da destruição de imagens, mas o da alucinada profusão de imagens nas quais “nada se tem a ver”.

Segundo Rondelli, a violência eletrônica ocorre

devido ao poder que os meios de comunicação têm de interceder na realidade, dela extraindo fatos, descontextualizando-os nomeando-os, categorizando-os, opinando sobre eles e expondo nas imagens, por vezes exorbitantes, dos *closes* e *big-closes*.⁵²

5 Conclusão

Diante da dualidade mimese-catarse, onde devemos nos posicionar? De acordo com Morin, não existe necessariamente um antagonismo marcante, posto que possa haver circunstancialmente tendências à catarse como também à mimese.

Morin escreve:

O espetáculo da violência ao mesmo tempo incita e apazigua: incita parcialmente a adolescência, em que a projeção e a identificação não se distribuem de modo racionalizado, como acontece com os adultos, a buscar exutórios práticos nessa violência (...), mas, ao mesmo tempo, apazigua parcialmente as necessidades agressivas da violência.⁵³

Assim, eventualmente, a televiolência tanto pode incitar como apaziguar certas tendências agressivas ou anti-sociais. Além dos mecanismos de projeção e de identificação, uma série de outros fatores e variáveis irão interferir no comportamento humano: faixa etária (criança, adolescente, adulto, terceira idade); condições de recepção; natureza dos meios; peculiaridades psicológicas; características sócio-culturais e político-econômicas; linguagem dos *mass media*; mediações do sujeito-receptor etc.

Jesús Maria Aguirre⁵⁴ pontua alguns aspectos particulares: as imagens de violência com uso de faca ou revólver, por exemplo, podem ter maior impacto negativo junto às crianças do que se fosse usado uma espada a raio laser. Mais: uma cena de agressão verbal pode também ser mais nociva à infância do que outra, de violência física em situações de fantasia. Além disso, filmes de horror podem ter maior impacto se as crianças encontrarem-se sozinhas. Em relação a esse tipo de público, o perigo maior, portanto, está na apresentação de imagens de grande poder de assimilação, identificação ou imitação. A questão do impacto da violência sobre o comportamento depende, sobretudo, do conceito que o receptor faz deste termo. Como se vê, o conceito de violência é polissêmico, multifacetado, com graus variáveis de aceitabilidade e de recusa. Com efeito, o comportamento do receptor de fato nunca será uma constante linear: oscilará permanentemente entre a catarse e a mimese.

Entretanto, não mais é possível restringir o estudo do impacto exercido pela televiolência apenas a partir dessa dualidade. É preciso considerar a atual pedagogia do medo e a avassaladora cultura da violência em que vivemos hoje. Não é admissível encarar a televisão como simples veículo de comunicação, portanto, mero “espelho” da sociedade. Ela não é apenas um meio formador, consolidador ou confirmador de tendências preexistentes na sociedade. A TV não apenas veicula e divulga imagens violentas, como também exerce, ela própria, uma “invisível” dose de violência diária.

Não existe apenas a violência “na” TV, como também, e principalmente, a violência “da” TV. Porém, a televisão não pode ser considerada “culpada” por esta visível e espetacularizada espiral destrutiva, na medida em que é uma entre várias e várias outras influências possíveis. Além do mais, o processo de recepção é complexo e depende, fundamentalmente, do “mundo vivido” do sujeito, das mediações das quais ele participa. Contudo, se não cabe a imputação de “culpa”, seguramente cabe a de co-responsabilidade social pela pedagogia do medo e da insegurança, perpetrado a longo prazo junto à sociedade contemporânea. A TV é, sim, co-responsável pela cultura da

violência na medida em que é o principal foco irradiador desse *ethos* tecnorracionalista.

Abstract

This author assesses research trends on violence conveyed by mass media. Culture and social conceptualizations, these are some of the themes which are discussed by this paper with the objective to propose a new paradigm for TV violence.

Key words: TV violence; mass media research; viewers; psychological influence; social imaginary.

Notas

1. TARRONI, Evelina et al. *Comunicación de masas: perspectivas y métodos*. Barcelona: Gustavo Gili. Apud ERAUSQUIN, M. Alfonso, MATILLA, Luis, VÁZQUEZ, Miguel. *Os teledependentes*. São Paulo: Summus, 1983. p. 41.

2. CARDIA, Nancy. Mídia e violência. *Comunicação & Política*, v. 1, n. 2, p. 66, dez. 94/mar. 95.

3. WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Ed. Presença, 1995. p. 20-30.

4. ERAUSQUIN, M.A. et al. *Os teledependentes*. São Paulo: Summus, 1983. p. 35-6.

5. KINBERG, Olof. *Les problèmes fondamentaux de la criminologie*. Toulouse: Cujas, 1959; PINATEL, Jean. *Traité de droit penal et de criminologie*. Daloz, 1969.

6. Entende-se por informação criminógena "a divulgação de fato de natureza anti-social, através dos meios de comunicação de massa, contendo determinado impacto e/ou sujeita a variáveis que possam afetar o comportamento dos receptores, suscetíveis de influência ou dependência. Em tais circunstâncias, registrar-se-ão manifestações psico-sócio-culturais ou eventuais potencialidades para o desvio de conduta. O fenômeno implica a contingência da aprendizagem e consequente reedição de algum ato anti-social (ou *modus operandi*) revelado pela transmissão da informação." Cf. PORTÃO, Ramão Gomes. *Criminologia da comunicação*. Santos: Traço, 1980.

7. WILSON, Bryan. Mass media and public attitude to crime. *Criminal Law Review*, jun. 1961.

8. PFROMM NETO, Samuel. *Comunicação de massa*. São Paulo: Pioneira, 1972.

9. TODA Y TERRERO, José Martínez, AGUIRRE, Jesus Maria, CERVERA, Rafael Calduch. A violência nos meios de comunicação. *Comunicação & Educação*, n. 8, p. 44-62, jan./abr. 1997.

10. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE JORNALISTAS. *Children and the mass media*. Praga: IOJ, 1980.

11. VIEMERO, V. *Relationships between filmed aggression and violence*. Turku, Finlândia: Abo Akademi, 1986. Tese (Doutorado) - Universidade Sueca, Finlândia.

12. SOILER, R. *El niño y la televisión*. Buenos Aires: Kapelusz, 1981.

13. ACKERMANN, W., DULONG, R., JEU, Henri-Pierre. *L'Imaginaires de l'insecurité*. Paris: Librairie des Meridiens, 1983.

14. BELSON, apud ERAUSQUIN, op. cit., p. 40-1.

15. AUCLAIR, G. *Le mana quotidien: structures et fonctions de la chronique des fait divers*. Paris: Anthropos, 1970.

16. Entende-se por *fait divers* as notícias, imagens ou narrativas travestidas de apelo sensacionalista. Assim, podem constituir *fait divers* relatos de crimes (homicídio, chacina, execução, sequestro, infanticídio, estupro etc.), tragédias familiares ou geográficas, escândalos políticos, acidentes espetaculares, crônicas passionais envolvendo traição e vingança, exposição pública de indivíduos "anormais" (formas "monstruosas", habilidades extravagantes, debilidades "risíveis"), enfim, notícias ou imagens capazes de despertar a atenção dos receptores para um mundo apelativo, sensacionalista e bizarro.

17. PASCAL, apud CAZENEUVE, op. cit., p. 56.

18. LAZARFELD, P.F., MERTON, R.K. *La industria de la cultura*. Madrid: Alberto Corazón, 1969.

19. BERELSON, B. Communication and public opinion. In: *The process and effects of mass communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

20. KLAPPER, J. *The effects of mass communication*. New York: Free Press, 1960.

21. SCHRAMM, W.; LYLE, Jach e PARKER, Edwin B. *Television on the lives of our children*. Stanford University Press, 1961.

22. MENDELSON, H., apud ERAUSQUIN, op. cit., p. 45.

23. HALLORAN, J. Examen de los efectos de la comunicación de masas con especial referencia a la televisión. In: *Los efectos de la comunicación de masas*. Madrid: Ed. Jorge Álvares.

24. ERAUSQUIN, op. cit., p. 45.

25. JEUDY, Henri-Pierre. *La peur et les media: essai sur la virulence*. Paris: Presses Universitaire de France, 1979.

26. KAPLAN, R. e SINGER, R.D. Television violence and viewer aggression: a reexamination of the evidence. *Journal of Social Issues*. Ann Arbor: Society for the Psychological Study, v. 32, n. 4, p. 35, 1976.

27. A Associação dos Magistrados da Grã-Bretanha e a Northwestern University, de Chicago, concluíram não haver influência midiática direta

junto a crianças e adultos normais, levando-os ao comportamento agressivo.

28. PROKOP, D. Sociologia. In: *Grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1986.

29. MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988, p. 47.

30. MARCONDES FILHO, Ciro. (Coord). *Pensar, pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. São Paulo: Ed. NTC, 1996, p. 228.

31. MORIN, E. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986. v. 2: Necrose, p. 142.

32. Id. *ibid.*, v. 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990. p. 111.

33. Id. *ibid.*, p. 114.

34. Id. *ibid.*, loc. cit.

35. Id. *ibid.*, p. 115.

36. CAZENEUVE, Jean. *El hombre telespectador*. Barcelona: Gustavo Gili, 1977. p. 53.

37. MORIN, *Neurose*, p. 107.

38. WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. *Tempo social*. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 5-41, maio 1997.

39. FROMM, Erich. *Anatomia da destrutividade humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

40. "Homo homini lupus", frase do dramaturgo Plauto, cujo sentido remete à idéia de que o principal inimigo do homem é ele próprio. Tal idéia é resgatada vigorosamente pela freudismo.

41. ARENDT, Hanna. *Da violência*. Brasília: Ed. UnB, 1985. p. 16.

42. GERBNER, G., POTTER, W.J. Perceived reality and the cultivation of hypothesis. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*. v. 30, n. 2, p. 159-74, 1986. Apud CARDIA, Nancy. Mídia e violência. *Comunicação & Política*, v. 1, n. 2, dez. 94/mar. 95, p. 71.

43. PEREIRA, Carlos A. Messeder, HERSCHMANN, Micael, RONDELI, Elizabeth, FAUSTO NETO, Antônio. Mídia, violência e cultura no Brasil contemporâneo. *Comunicação & Política*, v. 1, n. 2, p. 81, dez.94/mar.95.

44. Denomina-se *hip-hop* a produção cultural marcada pela marginalidade social (periferias dos grandes centros urbanos): *funk, rap, break, graffiti, bad boy*.

45. MAFFESOLI, Michel. *A dinâmica da violência*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1987.

46. HERSCHMANN, Micael. Música, juventude e violência urbana: o fenômeno *funk* e *rap*. *Comunicação & Política*, op. cit., p. 93.

47. LASCH, C. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

48. AGUIRRE, Jesús M. A violência nos meios de comunicação. In: *Comunicação & Educação*, op. cit., p. 58.

49. BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991. p. 103.
50. Id. *ibid.*, p. 105.
51. Id. *ibid.*, p. 106.
52. RONDELLI, Elizabeth. *Media, representações sociais da violência, da criminalidade e ações políticas*. *Comunicação & Política*, op. cit.
53. MORIN, *Neurose*, op. cit., p. 117.
54. AGUIRRE, op. cit., p. 53-8.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, H. *Da violência*. Brasília : Ed. UnB, 1985.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BAUDRILLARD, J. *La transparence du mal*. Paris : Galile, 1990.
- CAZANEUVE, J. *El hombre telespectador*. (Homo telespectator). Barcelona: G. Gili, 1977.
- CHENAIS, J.-C. *Histoire de la violence en Occident, de 1800 a nos jours*. Paris : Éd. Robert Laffont, 1981.
- COMUNICAÇÃO & POLÍTICA. Rio de Janeiro : Cebela, v. 1, n. 2, dez. 1994/mar. 1995.
- COSTA, Jurandir F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro : Graal, 1986.
- DA MATTÁ, Roberto et al. *Violência brasileira*. São Paulo : Brasiliense, 1982.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.
- DURAND, G. *L'imaginaire: Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Trad. de José Carlos de Paula Carvalho. Paris : Hatier, 1994.
- ERAUSQUIN, M. et al. *Os teledependentes*. São Paulo : Summus, 1983.
- FROMM, Erich. *Anatomia da destrutividade humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, Ed. UNESP, 1990.
- LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Trad. João Roberto Martins. São Paulo : Brasiliense, 1990.
- MAFFESOLI, M. *Dinâmica da violência*. Trad. C.M.V. França. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1987. (Biblioteca Vértice).
- MAFFESOLI, M. *A violência totalitária : ensaio de antropologia política*. Trad. Nathanael C. Caixiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. M. L. Menezes. Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1987.

- MARCONDES FILHO, C. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo : Moderna, 1988.
- MARCONDES FILHO, C. (Coord.). *Pensar, pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. São Paulo : NTC, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones*. Naucalpan (México) : G. Gili, 1993.
- MICHAUD, Y. *A violência*. Trad. L. Garcia. São Paulo : Ática, 1989.
- MORAIS, R. (Org.). *Violência e educação*. Campinas : Papyrus, 1995.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo*. Trad. Maura R. Sardinha. Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1990. Volumes "Neurose" e "Necrose".
- OLIVEN, R.J. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis : Vozes, 1989.
- PAGÈS, Max. *A vida afetiva dos grupos: esboço de uma teoria da relação humana*. Petrópolis : Vozes, 1982.
- PEREIRA, José. *Violência: uma análise do homo brutalis*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- PFROMM NETO, Samuel. *Comunicação de massa*. São Paulo : Pioneira, 1972.
- PORTÃO, Ramão G. *Criminologia da comunicação*. Santos : Traço, 1980.
- PROKOP, D. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- SOARES, Maria Victória M.B. *Violência, povo e polícia: violência urbana no noticiário de imprensa*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SODRÉ, M. *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo : Cortez, 1992.
- SOREL, G. *Refléxions sur la violence*. Paris : Marcel Rivière, 1972.
- TILLY, C. *From mobilization to revolution*. Addison-Wesley : Reading Mass, 1978.
- TODA Y TERRERO, José M., AGUIRRE, Jesús M., CERVERA, Rafael C. A violência nos meios de comunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo : Moderna, v. 8, jan./abr. 1997.
- WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 5-41, maio 97.
- WOLF, Mauro. *Teorias das comunicação*. 4. ed. Trad. de Maria Jorge Vilar de Macedo. Lisboa, Ed. Presença, 1995.
- ZALUAR, A. (Org.). *Violência e educação*. São Paulo : Tatu, Cortez, 1992.